FORMAÇÃO EM MOVIMENTO
REVISTA DA ANFOPE – ASSOCIAÇÃO NACIONAL PELA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO E DA FORMAÇÃO DOCENTE CONTEMPORÂNEA: PENSANDO COM PAULO FREIRE

Contemporary teacher education and training: thinking with Paulo Freire

Educación y formación docente contemporânea: pensando con Paulo Freire

Francisca Clara de Paula Oliveira*
Sheiene Gonçalves Santos**

https://doi.org/10.38117/2675-181X.formov2022.v4i1n8.448-461.

Resumo

Este trabalho apresenta, à luz de Paulo Freire, reflexões introdutórias acerca dos desafios postos para a educação brasileira no cenário pós pandemia da COVID 19. Assim, se faz o seguinte questionamento: Como Paulo Freire perceberia os dilemas e desafios da educação básica e da formação de professores neste contexto de Pandemia da COVID? O trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica. Destaca-se como resultado da pesquisa os desdobramentos para a gestão pública das teses manifestadas por Freire nos escritos sobre "educação como ato político". Neste prisma, conclui-se a importância do ideário de Freire no debate sobre a educação e a formação de professores, aprofundando as ideias sobre o papel do Estado como indutor e financiador das políticas educacionais de apoio à educação de qualidade.

Palavras-chave: Paulo Freire; Educação; Formação de Professores; Políticas educacionais.

Abstract

This work presents, in the light of Paulo Freire, introductory reflections about the challenges posed to Brazilian education in the post-COVID 19 pandemic scenario. Thus, the following question is asked: How would Paulo Freire perceive the dilemmas and challenges of basic education and training of teachers in this context of the COVID Pandemic? The work was developed through bibliographic research. As a result of the research, the developments for public management of the thesis expressed by Freire about "education as a political act" stand out. In this light, the importance of Freire's ideas in the debate on education and teacher training is concluded,

deepening ideas about the role of the State as an inductor and funder of educational policies to support quality education.

Keywords: Paulo Freire; Education; Teacher training; Educational policies.

Resumen

Este trabajo presenta, a la luz de Paulo Freire, reflexiones introductorias sobre los desafíos planteados a la educación brasileña en el escenario post pandemia de COVID 19. Así, se plantea la siguiente pregunta: ¿Cómo percibirá Paulo Freire los dilemas y desafíos de la educación básica y formación de docentes en este contexto de Pandemia COVID? El trabajo se desarrolló a través de una investigación bibliográfica. Como resultado de la investigación se destacan los desarrollos para la gestión pública de la tesis expresada por Freire de "la educación como acto político". En este sentido, se concluye la importancia de las ideas de Freire en el debate sobre educación y formación docente, profundizando ideas sobre el papel del Estado como impulsor y financiador de políticas educativas para apoyar una educación de calidad.

Palabras clave: Paulo Freire; Educación; Formación de profesores; Políticas educativas.

Introdução

Este trabalho inicia com uma fala de Paulo Freire emitida numa entrevista concedida ao Caderno de Ciências Nº 24, e publicada em julho de 1991[1], no qual o autor aborda suas percepções e aprendizagens adquiridas no período que exerceu a função de Secretário de Educação de São Paulo durante o governo de Luiza Erundina (PT), no período de 1989 a 1992, diz Freire:

> Não há prática educativa indiferente a valores. Ela não pode ser indiferente a um certo projeto, desejo ou sonho de sociedade. Ninguém é educador por simples acaso. Ninguém forma por formar. Há objetivos e finalidades que fazem com que a prática educativa transborde dela mesma. (FREIRE, 1991, p.1)

Nesta entrevista Paulo Freire se reporta aos problemas enfrentados como gestor da educação municipal em São Paulo em 1991. Nesta função o mesmo observou que muitos dos problemas enfrentados pela escola no presente eram em decorrência do descaso dos gestores públicos para com a educação da população em todas as instâncias (federal, estadual e municipal). Para Freire a precarização da escola pública reverbera

[1] O Caderno de Ciências era uma Revista da Financiadora de Estudos e Projetos - FINEP, publicada trimestralmente. O título dessa entrevista foi "educação é um ato político".

na sociedade, e, por conseguinte, no futuro das gerações. No entanto, o autor ressalta que é possível agir, que é possível mudar a realidade da educação, da escola, bastando que o gestor de plantão tenha sensibilidade e vontade de mudar a realidade daquelas crianças e jovens pobres, prospectando o papel destes para a edificação do Brasil como uma nação livre e soberana. Na entrevista Freire aponta ainda as várias problemáticas da educação nacional que precisam ser solucionadas para que possamos ter uma educação de qualidade e igualitária para todos/as.

Nesta entrevista o patrono da educação brasileira além de apontar os problemas das escolas paulistas sem infraestrutura adequada, sem qualidade do ensino e com poucas vagas ofertadas, anuncia o que fez quando exerceu o cargo de Secretário de Educação Municipal em São Paulo de 1989 - 1992, tais como: a oferta de cursos de formação de qualidade para os professores, ações permanentes e contínuas de melhoria da infraestrutura das escolas e a proposta de ofertar salários adequados para professores.

Para Freire, organizar a escola, mantê-la limpa, com infraestrutura adequada, professores bem pagos e preparados, eram os primeiros passos para se instaurar no país políticas educacionais de fortalecimento da escola pública pós ditadura militar de 1964, nas suas palavras:

> Cabe aos educadores a formulação de uma política educacional que aproveite o momento de gosto pela liberdade que o país vive, depois de sucessivas experiências com militares e golpes de estado. Uma política que possa melhorar as relações entre o docente e o discente. Entre a diretoria e aqueles que fazem a escola, como alunos, merendeira e todos os outros. (FREIRE, 1991, p. 20)

Neste fragmento, o autor ressalta a importância da criação de políticas públicas que visem o melhor desenvolvimento educacional, pois defendia que essas políticas seriam passos relevantes na construção da educação que liberta, que socializa, que aproxima sujeitos de forma cognitiva e afetiva. Para Freire a relação afetiva entre professores e alunos é necessária para o desenvolvimento fecundo da relação ensino-aprendizagem. Nesta concepção pedagógica o aluno tem um papel ativo na relação ensino-aprendizagem, sendo o professor um mediador que incentiva a criatividade e

autonomia do discente na produção do conhecimento.

No desenvolvimento deste trabalho, procurou-se responder a seguinte pergunta: Como Paulo Freire perceberia os dilemas e desafios da educação básica e da formação de professores neste contexto de Pandemia da COVID 19? [2]A construção teórico-metodológica deste trabalho foi edificada em pesquisa bibliográfica e de abordagem qualitativa, assentada nos autores: FREIRE (1987, 1991, 2013), KENSKI (2003), NUNES & SILVEIRA (2015) e RODRIGUES (2011).

A discussão dos resultados foi referenciada nos autores supracitados, tendo como fio condutor os desafios impostos à educação e seus profissionais neste contexto de Pandemia da COVID 19. Neste prisma, ressalta-se as ideias de Freire expostas neste artigo, com foco nas relações de classes que perpassam o cenário educacional brasileiro nos diferentes contextos.

Desafios da educação no cenário pós-pandemia da COVID 19

As consequências sanitárias e sociais provocadas pela COVID 19, e suas implicações diretas na educação escolar, motivaram-nos a refletir sobre as condições que os/as professores/as terão para continuar exercendo sua profissão. Como será o "novo normal", para o professor? Sob quais bases epistemológicas serão pensadas sua formação e sua prática? Estas questões se coadunam com as reflexões de Santos (2021), relacionadas ao que o novo coronavírus descortinou, após décadas de

[2] Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Uma semana depois, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus. Os coronavírus estão por toda parte. Eles são a segunda principal causa de resfriado comum (após rinovírus) e, até as últimas décadas, raramente causavam doenças mais graves em humanos do que o resfriado comum. Ao todo, sete coronavírus humanos (HCoVs) já foram identificados: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-COV (que causa síndrome respiratória aguda grave), MERS-COV (que causa síndrome respiratória do Oriente Médio) e o, mais recente, novo coronavírus (que no início foi temporariamente nomeado 2019-nCoV e, em 11 de fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS-CoV-2). Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença COVID-19. Disponível em: https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19. Acesso em: 10 fev. 2022.

hegemonia neoliberal no mundo, em particular na América Latina e no Brasil, erguendo sociedades antissociais, segregações, discriminações e injustiças sociais, o que, segundo o autor, constituiu-se em terreno fértil para a expansão letal da doença, penalizando as populações mais pobres.

Nas leituras que realizamos de Freire, aportamos vários pontos defendidos pelo autor que ajudou a organizar nossas ideias para pensar com criticidade este "novo" normal para a profissão docente. Pode-se citar inicialmente o uso impositivo das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação- TICs, e das ferramentas digitais na prática do ensino remoto.

Para Freire (2013), antes de se pensar nos meios de ensinar, deveria se pensar nas finalidades da educação, no perfil dos alunos e nas condições de funcionamento da escola. Essa linha de pensamento faltou ao nosso sistema oficial de ensino. Ao dispor "sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais" (Portaria MEC Nº 544/2020), o Ministério da Educação esqueceu que as escolas no Brasil não tinham internet e nem equipamentos adequados para efetivar o ensino por meio virtual. Esqueceu que os professores não tinham formação adequada e que as famílias e os alunos imersos em condições sociais e sanitárias precárias ficariam impedidos de acessar às aulas remotas.

Outro desafio foi a falta de preparo tanto dos professores quanto dos alunos para ensinar e aprender por via remota. Para Freire (1991) a relação ensino-aprendizagem envolve diálogo, professores bem remunerados e qualificados. Nas condições da Pandemia da COVID 19, os professores perceberam-se com uma formação pedagógica precarizada e sem tempo para refletir sobre isso. A falta de preparo do/a professor/a se somou à falta de tempo para pensar sobre o que fazer diante da realidade, ressaltando neste contexto os impactos das mortes e adoecimento sobre as famílias que reverberam ainda mais para a exclusão escolar na Pandemia.

Nesta linha de pensamento, é relevante colocar que a exclusão das crianças e jovens pobres do acesso à educação de qualidade durante a Pandemia tem conexões com o projeto político-econômico que passou a conduzir o estado brasileiro após o

golpe parlamentar de 2016. Pois a omissão do governo federal em fazer investimentos na educação e na saúde, para assegurar às populações mais pobres segurança alimentar, vacina e conectividade se materializou como elemento central para o agravamento da exclusão da maioria da população do acesso e permanência ao ensino escolar. Afinal, pode-se aproveitar uma fala de Freire em 1991 quando questionava "sobre quem iria se interessar por um ensino apático, sem dinamicidade, sem afeto, sem atrativos?

No artigo "Tecnologias e as alterações no espaço e tempos de ensinar e aprender" de KENSKI (2003), a autora aborda sobre as diversidades que as pessoas encontravam ao longo dos tempos para estudar, ao tempo, que dá exemplos de como a ciência e as tecnologias são abertas às muitas diversidades. Ou seja, a ciência tem aspectos e elementos multidisciplinares como uma árvore que tem várias raízes e ramificações.

> Nas épocas anteriores, a educação era oferecida em lugares físicos e "espiritualmente" estáveis: nas escolas e nas mentes dos professores. O ambiente educacional era situado no tempo e no espaço. O aluno precisava deslocar-se regularmente até os lugares do saber – um campus, uma biblioteca, um laboratório – para aprender. Na era digital, é o saber que viaja veloz nas estradas virtuais da informação. Não importa o lugar em que o aluno estiver: em casa, em um barco, no hospital, no trabalho. Ele tem acesso ao conhecimento disponível nas redes, e pode continuar a aprender." (KENSKI, 2003, p. 27)

Nesse sentido, pode-se dizer que antes, nas aulas presenciais, os alunos acessavam o conhecimento e construíam sua formação no ambiente físico escolar. No ensino remoto, os estudantes têm a possibilidade de autonomamente adquirem conhecimentos de forma rápida e ampla por diversas fontes e formatos. A invasão das TICs e das ferramentas digitais no ensino tem se constituído numa realidade inquestionável e desafiadora. Entretanto, é fundamental conceber que as tecnologias são meios e não os fins da educação. No nosso entendimento essa é uma questão central no debate sobre a formação docente que queremos no pós-pandemia. É também relevante compreender as dimensões sociais que impactam direta ou indiretamente na escola básica e que reverberam na formação de professores, tanto na concepção como nas metodologias adotadas.

A relação entre a educação e sociedade à luz de Freire

Freire (1991), relata experiências vivenciadas com a prática de educar sujeitos para a prática da liberdade e para o exercício da cidadania. O autor mostra que as pessoas com consciência educacional superam a condição de classe dominada, na concepção formatada por Marx apud Freire (1991).

As estruturas sociais estão entrelaçadas com a natureza e com o homem. A diferença dos dois são os conhecimentos emanados pelas diversas gerações em diferentes contextos. O homem, por sua vez, busca humanizar a natureza, com a finalidade de utilizá-la nas mais variadas questões, usufruindo do bem mais precioso que existe na terra, que é a natureza, consumindo mais que o necessário para sobrevivência.

No livro "Sociologia da Educação", de Rodrigues (2011), o autor cita Marx para explicar como ocorrem as diferenças entre classes sociais em diferentes contextos:

> A obra do alemão Karl Heinrich Marx (1818-1883) marcou como um corte de navalha o pensamento ocidental do século XIX. Seu objeto de pesquisa fundamental, para não dizer o único, foi a sociedade capitalista de seu tempo. Ele olhou a sua volta e percebeu que, para além dos sinais aparentes de miséria e sofrimento das classes trabalhadoras - esses qualquer um que caminhassem pelas ruas das grandes cidades industriais podia ver - havia um processo histórico em curso que, enquanto levaram a burguesia condição de classe dominante, expropriação dos trabalhadores manuais seus instrumentos de produção e seus saberes, transmitidos com zelo de geração para geração através dos séculos, ao tempo da velha ordem feudal. Perceber este ponto talvez seja o grande diferencial da sociologia de Marx. (RODRIGUES, 2011, p.31 e 32)

Ou seja, Marx relatou como aconteceu a divisão entre as classes sociais com o surgimento das tecnologias e das indústrias. Esse surgimento vem desde o período da Idade Média onde muitas pessoas foram submetidas a ordem de senhores feudais. Percebe-se então que essa divisão de classe dominante e de classe dominada vem desde muito antes.

Neste fragmento supracitado é possível identificar como foram se constituindo

os alicerces sociais da sociedade moderna que, alçada pelos ventos do capitalismo, passa a controlar a indústria sob o manto. A divisão entre as classes sociais se institucionalizou na era moderna capitalista. A escola surge neste novo contexto como "Aparelho Ideológico do Estado", para disciplinar e ensinar as regras de conviver com as desigualdades. A educação escolar nasce, então, imersa nessa dualidade de interesses, pois ao tempo que era resultado da luta dos trabalhadores para educar seus filhos, também se constituía como instrumento da classe dominante com a finalidade de adaptar as classes operárias ao regime de exploração do trabalho e da vida como um todo. As guerras e os processos de colonização foram permitindo que cada vez mais o capitalismo se constituísse num modo de produção hegemônico. Essa metamorfose social se reverberou em toda a vida societal, principalmente na disputa pelo poder de condução política e cultural da sociedade moderna e contemporânea.

Essas dimensões sociais e políticas se constituem como elementos chaves na análise que Paulo Freire faz dos problemas da educação no Brasil. Ao se referir à educação como um ato político, o autor se reporta à indissociabilidade entre Educação, Estado e Sociedade. Pois para o mesmo não se faz escola de qualidade com paredes quebradas, com alunos com fome, com professores desvalorizados. As "imagens quebradas" da escola pública são resultado de todo um processo de elitização da educação que se origina na colonização e se mantém até os dias atuais.

Freire (2013), manifesta sua preocupação com o compromisso dos escolarizados com a sociedade. Por que e para que se educa? Para o patrono da educação, o sentido da escola é dotar os sujeitos de consciência social para agir na realidade em que vivem e construir um futuro com sustentabilidade.

No livro "A pedagogia do oprimido", Paulo Freire relata as relações que o homem tem com o mundo e como o diálogo pode influenciar a sociedade e sua visão sobre o cotidiano.

> Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no

> mundo, em que se constitui. A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer "bancária" ou de pregar no deserto. Por isto mesmo é que, muitas vezes, educadores e políticos falam e não são entendidos. Sua linguagem não sintoniza com a situação concreta dos homens a quem falam. E sua fala é um discurso a mais, alienado e alienante. (FREIRE, 1987, p. 62)

Nesta citação o autor expõe sua defesa em torno de uma Pedagogia com fins emancipatórios, assentada na práxis e mediada pelo diálogo. Assim, as pessoas educadas como sujeitos e com autonomia de pensamento e de ação, podem ter mais consciência crítica e engajamento na construção de uma sociedade justa e igualitária, algo tão necessário em tempos de autoritarismo e negacionismo. Nesta concepção de educação, o professor atua como um mediador entre o conhecimento produzido e a curiosidade do aluno para descobrir, aprender e produzir novos conhecimentos. Neste processo educativo se estimula o desenvolvimento dos saberes socializados em grupo, pelos quais os alunos descobrem o mundo e suas contradições através da sua própria consciência e de forma coletiva. Como afirma:

> Paulo Freire não inventou o homem; apenas pensou e praticou um método pedagógico que procura dar ao homem a oportunidade de redescobrir-se através da retomada reflexiva do próprio processo em que vai se descobrindo, manifestando e configurando – "método de conscientização". (FREIRE, 1987, p. 10)

Neste prisma, olhar para a educação e a formação de professores referenciada em Paulo Freire é perceber que a divisão entre classes foi componente da sociedade moderna e continua sendo da sociedade contemporânea, repercutindo na produção e reprodução de outras divisões presentes na sociedade atual, tais como: a divisão social do trabalho, a divisão sexual do trabalho e a divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual. Essa compartimentalização serviu de base para a escola e a formação de professores que temos hoje. O dualismo presente na educação - enquanto reflexo da sociedade capitalista -, que inclui os que têm renda e são brancos e exclui os pobres e negros, é fruto dessa lógica que valoriza o Ter e desvaloriza o Ser, que defende os proprietários e retira direitos dos que vivem do trabalho.

Contudo, como nos adverte Paulo Freire é preciso "esperançear", construir uma

educação comprometida com a edificação da sociedade democrática, plural e sem exploração, assegurando a todos e todas o direito à cidadania ativa , à escola alegre e de qualidade. É sobre isso que abordaremos no tópico seguinte.

Freire e a realidade atual

Assim, pode-se relatar que é de extrema relevância pensar sobre as possíveis conexões das reflexões abordadas por Freire nos anos 90, e os desafios postos pela realidade educacional atual, na medida que todo este processo está relacionado com a prática educativa e a qualidade de ensino que reverbera em demandas e dilemas para a formação dos educadores.

Portanto, essa prática educativa relaciona-se com o processo de socialização entre os indivíduos. Pois é por meio da interação e do diálogo que as pessoas aprendem de forma ativa. Para uma educação ser considerada um ensino de qualidade é preciso que haja mudança no ensino e na estrutura da escola e também nos conteúdos ministrados em sala.

Neste contexto, questiona-se se as soluções encontradas pelo sistema oficial de ensino para incentivar melhorias na educação escolar estão no rumo certo. Cita-se por exemplo a avaliação da educação por resultados mensurados a partir do "rendimento" dos alunos em sua trajetória escolar e nas notas tiradas nas provas das avaliações externas. Assim, parafraseando Freire (1991), reflete-se: como assegurar ensino de qualidade com escolas com infraestrutura precarizada e professores desvalorizados? O que nos encaminha a pensar em que medida os resultados das avaliações externas têm servido para aprimorar a escola oferecida à população em termos de infraestrutura, valorização e formação docente.

Como defende Freire (1991), muitas vezes a criança e o jovem perdem o interesse de estudar porque a escola é triste, possui salas escuras, sem ventilação adequada, sem espaços para socialização, para brincar ou praticar esportes, sem biblioteca adequada. Então, a evasão e o fracasso escolar não são fatos sazonais, mas

perenes porque não é o aluno que desiste da escola. Em muitos casos, é a escola que desiste e expulsa os/as alunos/as. Observa-se que essas questões não são pautadas como objeto de reflexão pela comunidade escolar, destoando do pensamento de Freire em defesa da educação democrática e inclusiva.

Nesta linha de raciocínio Saviani & Galvão (2021), afirmam que o combate à marginalização social passa pela definição de qual modelo de educação queremos e para qual projeto de sociedade pensamos em edificar esse modelo. Neste prisma, é relevante ressaltar a crítica dos autores ao modelo de escola vigente que produz e reproduz um ensino repetitivo, apático, descontextualizado e não inclusivo. Para este debate Freire (2013), colabora propondo que o Brasil deveria desenvolver uma educação que efetivasse uma prática pedagógica engajada na formação de sujeitos sensíveis, éticos e engajados na construção de uma sociedade democrática, livre e soberana. Desta forma, o autor defendia que os governos fossem mais sensíveis em relação à escola ofertada à população e, por conseguinte, fossem defensores e promotores de políticas públicas de apoio à escola pública.

Considerações finais

Nesse cenário, é importante voltar à pergunta abordada na introdução: Como Paulo Freire perceberia os dilemas e desafios da educação básica e da formação de professores neste contexto de Pandemia da COVID?

Com base no questionamento pode-se dizer que, de acordo com Freire, o diálogo entre professores e alunos é o caminho para que a educação incentive a criticidade dos alunos. Ao longo da entrevista concedida a Freire, ele expõe sua opinião sobre a importante contribuição que os discentes podem dar à sua própria formação.

Paulo Freire (1991), na sua entrevista, também diz que o ensino no Brasil deve atrair os alunos. A partir dessa perspectiva compreende-se que é importante a criação de métodos e ferramentas que façam com que os alunos sejam os primeiros a querer ir à escola e não serem obrigados a frequentá-la por causa da certificação.

Para tal, precisa-se de uma política educacional que saia do papel para que as crianças e jovens tenham igualdade de condições para acessarem uma educação de qualidade independente da sua condição social. Portanto, vale ressaltar a atualidade do pensamento Freiriano, visto que, muitas questões abordadas pelo autor, continuam como desafios na realidade atual, dentre estas, a metodologia do diálogo como caminho para atrair o aluno para a escola e para a edificação de uma formação de professores inclusiva e inovadora.

Nesta construção reforça-se o ideário de Freire sobre pontos relevantes que muito nos ajudaria a pensar a educação neste contexto pós-pandemia da COVID 19. Dentre os quais destacamos: 1. O papel dos gestores públicos na condução do poder que lhes foi conferida ao assumir um cargo público. É a missão de resolver, de cuidar , de agir, é a vontade de fazer o que tem que ser feito para melhorar as condições de infraestrutura das escolas, o que aponta para assegurar as condições adequadas de conectividade, do acesso à água potável e da merenda escolar como aspectos básicos para se criar uma ambiência de aprendizagem e de qualidade do ensino. 2. É o engajamento do gestor pela valorização e formação dos professores. Apesar da conquista do PISO salarial, essa luta não terminou. O adoecimento docente em função da reestruturação do trabalho docente edificado com a expansão de responsabilidades impostas ao professorado, é um fato real. 3. Por fim, a necessidade de fortalecimento da relação escola-comunidade. Para Freire, a educação deve semear a "amorosidade" entre as pessoas e assim promover a união da população contra a marginalização social, o descaso com a escola pública e a luta por um mundo melhor para todos e todas.

Para concluir, ressalta-se a importância de neste contexto de Pandemia e de pós pandemia continuarmos aprofundando estudos e pesquisas sobre as conexões entre marginalização social e evasão escolar, na perspectiva de se pensar políticas de apoio à educação básica e a valorização docente, prospectando que o futuro da educação está no que fazemos no presente em defesa da democracia e da escola pública de qualidade.

Referências

BRASIL. *Ministério da Educação*. Portaria Nº 544, de 16 de junho de 2020, publicado em D.O.U em 17 de junho de 2020.

FREIRE, Paulo. A educação é um ato político. *Caderno de Ciências*, Brasília, n. 24, p. 21-22, jul./ago./set. 1991. Disponível em: http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/1357?show=full. Acesso em: 05 mar. 2020.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança.* 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido.* 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e as alterações no espaço e tempos de ensinar e aprender. In.: KENSKI, Vani Moreira. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. 4. ed. Campinas: Editora Papirus, 2003.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary Nascimento. *Psicologia da aprendizagem*. 3. ed. rev. – Fortaleza: EdUECE, 2015. 122 p.

RODRIGUES, Alberto Tosi. *Sociologia da Educação.* 6 edição. 1 reimpressão. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

SANTOS, Boa Ventura; SANTOS, B. S. *O futuro começa agora.* São Paulo: Boitempo, 2021.

SAVIANI, Dermeval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na pandemia*:* a falácia do ensino remoto. In: *Revista Universidade e Sociedade*. Brasília, DF, ano XXXI, n. 67, jan., p. 36-49, 2021. Disponível em: https://www.andes.org.br/img/mídias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf. Acesso em: 15 jul. 2021.

Recebido em: 05 mar. 2022.
Aprovado em: 16 mai. 2022.

*** Francisca Clara de Paula Oliveira** é professora Associada da Universidade Regional do Cariri-URCA, vinculada ao Departamento de Educação. Possui graduação em Pedagogia (1990) e Mestrado em Educação (1996) pela Universidade Federal do Ceará. Tekm Doutorado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos- UFSCar (2005), e pós-doutorado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente é Coordenadora Institucional do PIBID/URCA e do Grupo de Pesquisa em Educação, Trabalho e Formação de Professores-GEPET (CNPq, 2008).

E-mail: francisca.clara@urca.br

Orcid: https://orcid.org/0000-0003-0950-4806

** **Sheiene Gonçalves Santos** é graduada em Tecnologia em Saneamento Ambiental pela Fatec Cariri. É discente no curso de graduação em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Faz parte do Grupo de Pesquisa em Educação, Trabalho e Formação de Professores-GEPET (CNPq, 2008).

E-mail: sheiene.goncalves@urca.br

Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3941-414X

*****